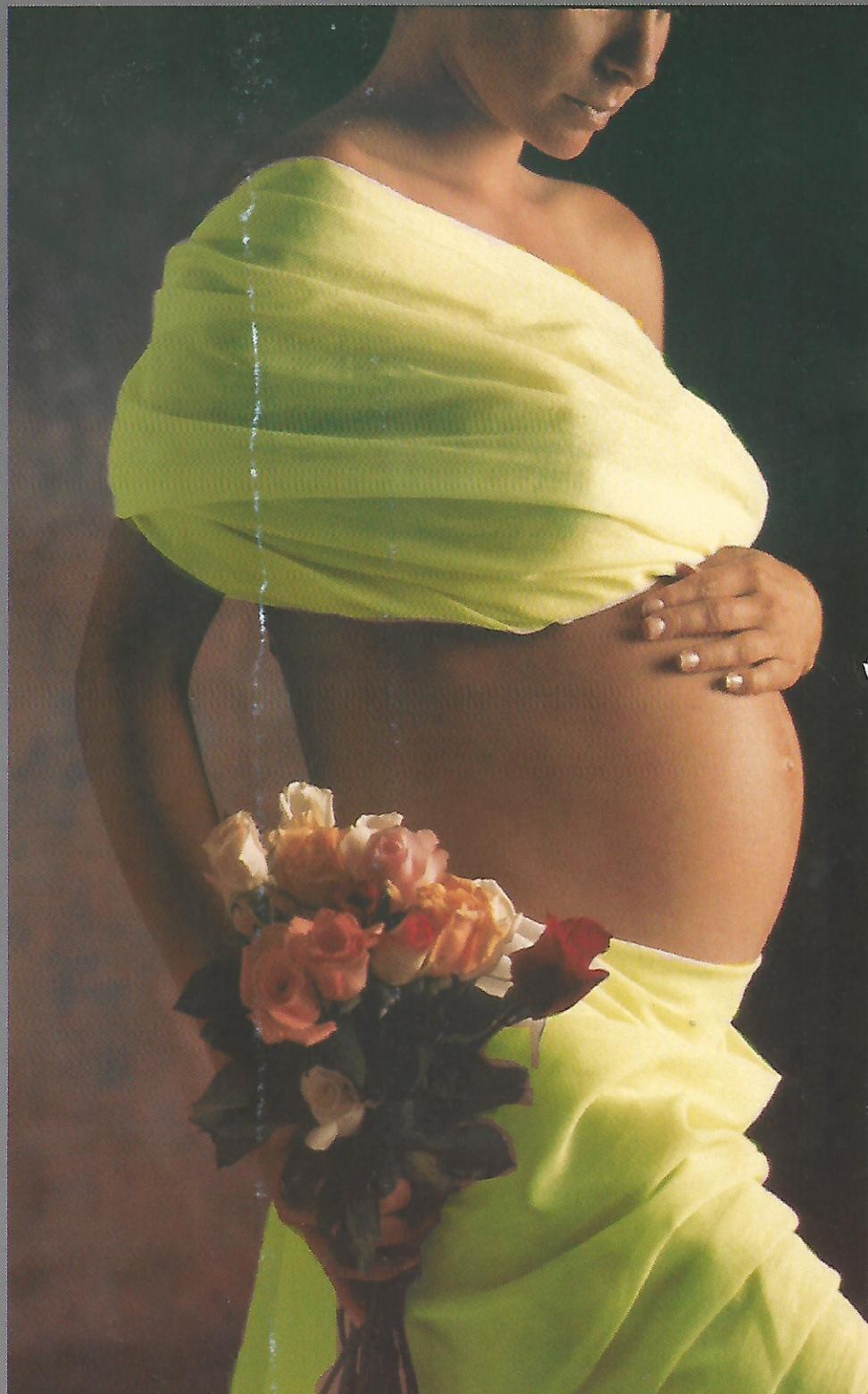


PROPOSTA

Revista Trimestral de Debate da FASE • Ano 30 • Junho/Novembro de 2002 • Nº 93/94 • Preço: R\$ 10,00

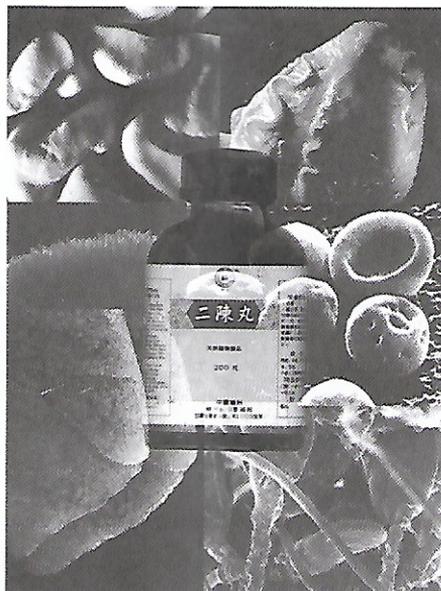
Jorge Eduardo S. Durão
Cândido Grzybowski
Rosemary Gomes & Euclides André
Mance
Almerico Lima Biondi
Henri Acselrad
Salvador Werneck Vianna
Maria da Conceição Tavares
Jayme Benvenuto Lima Jr.
Regina Leite Garcia
João Pedro Stédile
Grazia de Grazia
Adalberto Moreira Cardoso
Aloizio Mercadante
Augusto Boal
Sílvio Caccia Bava
Adauto Lucio Cardoso
Sueli Carneiro
Haroldo Baptista de Abreu
Flávia Piovesan
Prof. Ermínia Maricato
Leila Linhares Barsted
Laura Tavares Soares
Carlos Aguiar de Medeiros
Alcides Faria
César Benjamín
Luiz Eduardo Soares
Jean-Pierre Leroy
Cristovam Buarque
Marina Silva
Fátima V. Mello & Sérgio Haddad
Victor Vincent Valla
Maria Elena Rodriguez
Márcio Libar
Rodrigo Baggio
A Sociedade Civil Brasileira e a
Cúpula Mundial da Alimentação:
cinco anos depois?



Um Novo Brasil é Possível

Saúde e desigualdade: na teoria e na prática

Victor Vincent Valla*



A pergunta é: por que discutir formas de saúde alternativa quando uma grande parcela das classes populares não tem um atendimento satisfatório nos locais de saúde pública?

É fato que os graves problemas de desemprego e crescente pobreza, indicam os limites do sistema de saúde atual. Há um questionamento que se difunde entre profissionais de saúde: se a maneira que o atendimento de saúde se estrutura no Brasil é capaz de lidar com o que alguns chamam de *sofrimento difuso* apresentado pelas classes populares. Alguns profissionais estimam que quase 60% das consultas tratam de problemas psicossomáticos, onde o tempo necessário para lidar com cada paciente não coaduna com a relação eficiência-eficácia.

As múltiplas expressões de saúde mental que cobrem uma gama de sintomas que vão desde o que a classe média se refere como “ansiedade” ao que as classes populares chamam de “nervos” atinge a milhões de brasileiros. Dados recentes de

Argentina e Brasil indicam que mais de 50% dos medicamentos consumidos pela população são psicofármacos. É nesse contexto que surgem as propostas de saúde alternativa. Será que se trata exclusivamente de uma crise de recursos, ou é também uma discussão dos limites do modelo biomédico? De fato, trata-se de um conjunto de preocupações que inclui questões como as de que muito do que tem a ver com a saúde hoje não se relaciona estritamente com a medicina.

No entanto, há de se ter cuidado com a palavra “alternativa” que quase sempre trata a biomedicina como sua referência. Na realidade, a biomedicina é também uma alternativa.

Muitas das propostas de saúde alternativa hoje se baseiam na categoria do “apoio social”, cuja definição é dada como sendo qualquer informação, falada ou não, e/ou auxílio material, oferecidos de uma forma sistemática por grupos e/ou pessoas que já se conhecem, que resultam em

*Professor e pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.

efeitos emocionais e/ou comportamentos positivos. Trata-se de um processo recíproco, isto é, que tanto gera efeitos positivos para o recipiente, como também para quem oferece o apoio, dessa forma permitindo que ambos tenham uma sensação de coerência de vida e mais sentido de controle sobre a mesma. Uma das premissas principais da teoria do apoio social é que tende a aumentar a capacidade das pessoas a lidar com o estresse. Em momentos de muito estresse, o apoio social contribui para manter a saúde das pessoas, pois desempenha uma função mediadora. Assim, permite que as pessoas contornem a possibilidade de adoecer como resultado de determinados eventos da vida, como, por exemplo, a morte de alguém da família, a perda da capacidade de trabalhar, ou um despejo da casa onde se reside por muitos anos.

Uma parte importante da teoria do apoio social é a de que as doenças têm sua origem num desequilíbrio emocional. Neste sentido, a médica Hu Pan Yu trabalha com a perspectiva de que cada órgão do corpo humano está intimamente relacionado com uma determinada emoção. Por exemplo, o pulmão com tristeza, o fígado com irritações e os rins com medo. Neste sentido, afirma que as doenças surgem porque inicialmente as emoções interferem de uma forma prejudicial nos órgãos.

Comprovações científicas têm demonstrado a contribuição de técnicas orientais no combate às doenças relacionadas com problemas cardiovasculares, estresse, insônia e ansiedade. Um estudo realizado nos Estados Unidos revelou que a técnica de meditação teve o efeito de diminuir os níveis de pressão arterial, dessa forma eliminando o estresse e reduzindo o risco de problemas renais e derrames.

O psicanalista e psiquiatra Carlos Garrido Pereira chama atenção para o fato de que pessoas competitivas, ansiosas e centralizadoras são mais suscetíveis às doenças do coração e recomenda que uma das saídas seja a de ser menos competitivo e de agir de uma maneira desarmada, franca e aberta nas relações cotidianas.

Garrido recomenda que se pratique o ato de desabafar. Teme que o que se fala é visto como sendo

mais importante do que o próprio ato de falar. Com isso, quando não se fala ou reclama, é como se o corpo acumulasse um veneno que um dia sairá de outra forma: diarreia, impotência ou enfarte.

A cardiologista Lígia Barros chama atenção para o perigo de “engolir sapos”, fazendo com que o ato de sofrer sem desabafar resulte num acúmulo de tensões que mais tarde podem gerar problemas de saúde.

Bermann discute o efeito ideológico do termo “estresse”. Normalmente a discussão desse termo se desenvolve em torno do resultado, e não em torno do processo em si que é mais importante. Tratar os sintomas transmite a ilusão de que o problema está no mal-estar que a pessoa sente quando procura assistência. Neste sentido esconde o desgaste excessivo que o trabalhador se submete para não perder o emprego, como também os horários irregulares que impõe o trabalho precário e terceirizado. Quem não tem emprego fixo que coaduna com seus interesses, dificilmente escapa do mercado informal e um “trabalho frustrante”.

Embora teoricamente a prática de meditação não seja impossível em qualquer circunstância, certamente um lugar relativamente espaçoso e quieto facilita a concentração. Uma tarefa difícil para quem trilha o que Chuai chama o “caminho estreito”, isto é, uma vida de pouco dinheiro, espaço e tempo livre.

Num país cujos serviços de saúde são tão moldados pelo modelo biomédico, dificilmente as atividades propostas na área de saúde alternativa são da área pública, dessa forma exigindo algum tipo de pagamento.

McEwen lembra que pesquisas mostraram que quanto mais pobre uma pessoa, pior é sua saúde, não importando se ela tem ou não acesso a tratamento médico.

Como vimos anteriormente, as recomendações de Garrido têm pouco a ver com o cotidiano das classes populares. Como ser menos competitivo e ansioso no mundo onde as ofertas do trabalho formal estão rapidamente declinando e onde o mercado informal está se saturando? Assumir uma postura desarmada, franca e aberta

se relaciona pouco com uma parcela da população que como forma de sobrevivência emprega uma linguagem permeado do “duplo código”, onde o “dizer e desdizer” na mesma frase é um constante

Garrido e Barros chamam atenção para a importância do desabafo e do não “engolir sapos” pois estes fazem com que o veneno se acumule no corpo e acabe sendo expulso de outras formas. Mas o que pode significar “engolir sapos” ou desabafar para a maioria das classes populares? Desabafar na hora pode significar várias coisas para as classes populares: pode significar perder o emprego, seja no trabalho da fábrica, seja como empregada doméstica. Numa cultura machista, desabafar na hora, ou seja “não engolir sapo”, “não levar desaforo para casa”, pode terminar num enfrentamento com fim incerto.

Estas questões podem ser uma pista de como compreender melhor o “uso” que as classes populares fazem das igrejas, especialmente as igrejas que desenvolvem cultos onde o gritar e o cantar alto é uma constante.

Dentro de uma perspectiva de uma educação popular transformadora, é necessário distinguir entre propostas de saúde alternativa “individualizantes” das classes média e alta e os caminhos coletivos das classes populares.

O estudo de Finkler sobre 500 centros espiritualistas e cinco milhões de fiéis no México, trata do sucesso das curas espirituais com sofrimentos crônicos de uma forma que a biomedicina não é capaz de igualar, diminuem a dor, quando não a eliminam, e ajudam as vítimas do sofrimento a tornar as suas vidas mais toleráveis. Refere-se à símbolos emocionalmente densos que são derivados da experiência coletiva daqueles que sofrem. Há de se perguntar se a própria coletividade presente nesses espaços, se relaciona com a discussão de apoio social acima apresentada.

Na realidade o que está em discussão é como as classes populares se apropriam de formas de lidar com seus problemas de saúde, quando as propostas biomédicas não satisfazem. Parece, então, que não cabe tanto um julgamento de antemão sobre os caminhos escolhidos, mas muito mais o porquê desses caminhos. Isso talvez seja a tarefa da educação popu-

lar, investigar esses caminhos que parecem apontar para uma vida “mais tolerável e significativa”.

Corten afirma que a própria proposta teológica se subordina à “experiência emotiva partilhada” pelos crentes. Há uma reivindicação de que haja uma “experiência emotiva” e esse desejo aponta para o encanto e alegria demonstrados nos cultos, onde os crentes são vistos como pessoas simples, tanto é o júbilo e entusiasmo. A grande contradição para muitos dos observadores da classe média, é que são pessoas que freqüentemente vivem na miséria, na doença e em ambientes repletos de violência, e, no entanto, experimentam essa intensa alegria de estar viva. Corten conta que alguns pastores acreditam que as curas tratam de males que geralmente não são físicos e que se localizam na esfera psicossomática, onde a resolução não passa unicamente por medicamentos. Freqüentemente se trata de emoções de consolo em face de males que não podem ser mudados e, assim, a dignidade do ser humano é o que acaba se afirmando.

O intuito de discutir emoção com pentecostalismo é o de apontar para uma discussão sobre melhorias da saúde a partir de exemplos de apoio social e/ou terapias que procuram desenvolver uma paz de espírito, uma melhor auto-estima e uma visão otimista da vida. A idéia corrente na sociedade de que o pentecostal vira suas costas para o “mundo”, de fato significa virar as costas para o demônio, que freqüentemente é um termo utilizado como uma metáfora para rejeitar as doenças, a pobreza e desigualdade, a violência, não significando necessariamente uma posição fatalista. Virar as costas para o mundo capitalista de competição e modernização, para construir redes de solidariedade onde, segundo Cortem, se doam roupas e alimentação, acham empregos para os pentecostais mais necessitados e convidam regularmente os irmãos esmagados pela pobreza para jantarem em sua casa. Surgem cursos de alfabetização nas igrejas onde os fiéis analfabetos sentem o desejo de ler os salmos que cantam. Lowy aponta que também é criado um ambiente de segurança no meio dessas atividades religiosas e assistenciais, fato que também não deve ser menosprezado hoje em dia.